

# EDUCAÇÃO SEXUAL E PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Alícia Vitória Pereira<sup>1</sup>; Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira<sup>2</sup>

aliciavitoria\_@hotmail.com

**Área Temática:** Relato de experiência.

## RESUMO

**Introdução:** A educação sexual no ambiente escolar ainda é atravessada por tabus, silenciamentos e abordagens restritas ao plano biológico, o que dificulta o tratamento de temas fundamentais para a formação dos estudantes, como respeito, consentimento, limites, cuidado e autoproteção. Nesse contexto, a Psicologia pode contribuir para ampliar o debate, favorecendo práticas pedagógicas mais dialógicas e formativas. **Objetivo:** Analisar uma experiência de intervenções pedagógicas em educação sexual desenvolvidas com estudantes do ensino médio de uma escola pública de Mossoró, no contexto do Estágio Supervisionado em Ensino de Psicologia. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, natureza aplicada e objetivos descritivo-exploratórios, construído a partir de observação de campo e da realização de aulas previamente planejadas. As intervenções foram desenvolvidas com estudantes do ensino médio e envolveram estratégias participativas de escuta, diálogo e problematização de situações relacionadas à sexualidade, articulando conteúdos informativos e reflexivos. **Resultados e Discussão:** Os resultados indicam que a educação sexual tende a produzir maior engajamento quando abordada de forma ampla, incluindo dimensões socioculturais, éticas e relacionais. As atividades possibilitaram a criação de espaços de fala e escuta sobre tabus, respeito, limites, consentimento, cuidado e autoproteção, em diálogo com temas de saúde sexual, como prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. A experiência também revelou desafios ligados ao planejamento das ações e à necessidade de continuidade no contexto escolar. **Conclusão:** Conclui-se que intervenções pedagógicas em educação sexual, quando orientadas por escuta ativa e abordagens dialógicas, podem fortalecer a autonomia, a responsabilização e a reflexão crítica dos estudantes, contribuindo para uma formação mais ampla e significativa no espaço escolar. **Palavras-chave:** Educação sexual. Psicologia escolar. Ensino médio.

## 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma dimensão ampla da experiência humana e acompanha o desenvolvimento ao longo da vida. Ela não se limita às práticas sexuais, pois envolve desejo, afetos, formas de expressão, comunicação e vínculos, sendo também atravessada por fatores culturais, sociais, familiares, religiosos e morais. Por isso, trata-se de uma construção histórica e social, e não de um dado puramente biológico (Louro, 2008; França, 2013).

No contexto escolar, discutir sexualidade e educação sexual é necessário, especialmente no trabalho com adolescentes, embora esse tema ainda costume ser atravessado por tabus, silenciamentos e resistências. Quando tratada de forma pedagógica, a educação sexual pode contribuir para debates importantes sobre respeito, cuidado, gravidez na

adolescência, infecções sexualmente transmissíveis e relações interpessoais, favorecendo uma abordagem mais acessível e menos marcada por preconceitos.

Nesse cenário, a Psicologia pode contribuir com ações educativas voltadas à escuta, ao diálogo e à construção de conhecimento em sala de aula, inclusive por meio das práticas de estágio supervisionado. Além disso, a própria legislação educacional reconhece que a educação se constitui em diferentes espaços formativos, o que reforça o papel da escola na abordagem de temas que atravessam a vida dos estudantes (Brasil, 1996; Brasil, 1998).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo descrever uma experiência vinculada ao estágio supervisionado em licenciatura, desenvolvida com estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, a partir da elaboração e execução de intervenções pedagógicas em educação sexual, discutindo suas implicações para o contexto escolar e para a atuação da Psicologia em sala de aula.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e com objetivos descritivos e exploratórios, desenvolvido por meio de relato de experiência articulado à pesquisa de campo. O trabalho foi construído a partir das vivências realizadas nos componentes curriculares Estágio Supervisionado em Práticas de Ensino em Psicologia I e II, que corresponderam, respectivamente, a um momento inicial de observação do campo e a um momento posterior de planejamento e execução das intervenções pedagógicas.

O campo da pesquisa foi uma escola pública localizada no município de Mossoró, com regime integral de aulas, envolvendo estudantes do primeiro ano do ensino médio, predominantemente na faixa etária entre 14 e 16 anos. As atividades foram realizadas em dois momentos, ao longo do ano de 2022. No primeiro semestre, ocorreram cinco encontros presenciais voltados à observação do ambiente escolar, das aulas, da rotina institucional e das interações entre os estudantes, o que subsidiou a elaboração de cinco planos de aula. No segundo semestre, foram executadas cinco intervenções pedagógicas previamente planejadas e discutidas com a coordenação da escola.

No estágio I, a principal técnica utilizada foi a observação de campo, realizada em sala de aula e em espaços de circulação da escola, como corredores e intervalo, no turno da tarde, entre 14h10 e 17h. Como instrumento de registro, foram utilizados diários de campo manuscritos, que serviram como fonte principal de dados. No estágio II, as aulas foram conduzidas por meio de estratégias participativas, construídas a partir das demandas observadas no período anterior.

A análise do material foi feita por meio de sistematização qualitativa dos registros dos diários de campo e das impressões produzidas durante o planejamento e a execução das aulas. Esse material foi organizado em eixos temáticos, como demandas percebidas na observação, temas priorizados nas intervenções, participação dos estudantes, dificuldades encontradas e potencialidades da abordagem em sala de aula, de modo a articular teoria e prática na interpretação da experiência.

Por se tratar de um relato de experiência em contexto educacional, foram preservadas a identidade da instituição e dos estudantes. Os resultados são apresentados de forma descritiva e agregada, sem exposição de informações identificáveis. Além disso, não houve aplicação de instrumentos individuais de coleta de dados, como questionários ou fichas cadastrais, nem registro fotográfico, sendo priorizada a reflexão pedagógica e institucional sobre a experiência vivida.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das análises realizadas, passamos a apresentar e discutir os principais achados construídos ao longo da experiência de ensino, articulando o momento das observações com o das intervenções. Para organizar melhor a discussão, os resultados foram distribuídos em eixos que sintetizam os aspectos que se mostraram mais significativos na prática, permitindo compreender, ao mesmo tempo, os desafios e as potencialidades da educação sexual no cotidiano escolar.

#### **3.1. DEMANDAS DO CAMPO E “LUGAR” DA PSICOLOGIA NA ESCOLA**

No período de observação, a inserção inicial na escola mostrou que parte da equipe pedagógica ainda não tinha clareza sobre o lugar da psicologia naquele contexto, seja no campo da psicologia escolar, seja no da licenciatura. Isso tornou necessário um primeiro movimento de explicitação sobre o papel do psicólogo e sobre o sentido da atuação da psicologia em sala de aula. Nesse momento, discutimos uma compreensão mais ampla da psicologia, para além do patológico, reconhecendo seu potencial de contribuição para o desenvolvimento educacional e para a formação de sujeitos mais críticos e comprometidos, como apontam Brasil (1964) e Caparrotti (2005).

Ainda nessa etapa inicial, por meio das observações da rotina, da escuta das sugestões dos próprios alunos, das dinâmicas percebidas e das narrativas ouvidas em sala e nos corredores, identificamos, de forma mais evidente, questões relacionadas à sexualidade e às relações entre os adolescentes e também entre eles e os docentes. Foi esse movimento que fundamentou a proposta de trabalhar a educação sexual no semestre seguinte, proposta que foi apresentada e

validada em reunião com a coordenação pedagógica da escola. Ao mesmo tempo, também apareceu como pano de fundo a percepção de que a carga horária intensa e o volume de atividades estavam associados ao estresse dos estudantes, a relatos de ansiedade e a conflitos frequentes entre eles.

### 3.2. METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COMO DISPOSITIVOS DE ABERTURA AO TEMA

Considerando que a educação sexual ainda não havia sido trabalhada na escola e levando em conta a faixa etária da turma, optamos por metodologias participativas que pudessem favorecer a compreensão e o engajamento dos adolescentes. Na primeira aula, realizada no auditório, organizamos os estudantes em círculo e utilizamos como ferramenta central a plataforma digital “Mentimeter”, a partir da pergunta “O que você entende sobre Educação Sexual?”. Com isso, construímos um mapa mental que serviu como ponto de partida para selecionar palavras e temas que deram início às rodadas de discussão. Depois desse momento, foi disponibilizada uma caixa para que os alunos deixassem dúvidas e feedbacks de forma anônima. Ao final, propusemos uma “tarefa de casa”: trazer casais fictícios — de filmes, séries, novelas, livros ou outros produtos culturais — que funcionassem, para eles, como referência de relacionamento.

Ao avaliarmos essa primeira dinâmica, percebemos curiosidade e um nível de engajamento superior ao observado em outras aulas. Entendemos que isso se relaciona ao uso de metodologias ativas, que favorecem o protagonismo dos alunos e rompem com a lógica unilateral de transmissão do conhecimento. Assim, temas frequentemente tratados como delicados, como a educação sexual, tendem a ser melhor acolhidos quando o formato da atividade cria condições reais para a fala, a escuta e a negociação de sentidos, especialmente em contextos grupais (Móran, 2015).

### 3.3. CONSENTIMENTO, RESPEITO E LIMITES: HORIZONTALIDADE E ESCOLHA DA PARTICIPAÇÃO

A segunda aula também foi realizada no auditório. Partindo da tarefa de casa, mantivemos a organização em círculo e passamos a trabalhar temas como consentimento, respeito nas relações e diferentes formas de se relacionar. A proposta incluiu uma adaptação de um círculo restaurativo, inspirado nas práticas restaurativas e na justiça restaurativa, tendo como referência a passagem de uma lógica punitiva para uma lógica restaurativa e o entendimento do círculo como espaço de horizontalidade, diálogo e compromisso coletivo (Zehr, 2008).

Nesse encontro, os casais ficcionais trazidos pelos estudantes funcionaram como disparadores para refletir sobre modelos de relacionamento. Em seguida, realizamos a “dinâmica dos limites”, pensada para trabalhar aquilo que se aceita ou não em uma relação. Essa atividade deu origem a um diálogo amplo sobre respeito e consentimento. Um ponto importante foi a preservação do direito de participar ou não das dinâmicas. Muitos estudantes optaram por permanecer apenas observando, mas ainda assim respeitando o momento e as falas dos colegas que escolheram participar. Compreendemos esse aspecto como central do ponto de vista ético-pedagógico, especialmente em temas sensíveis, porque exige cuidado com limites e com a exposição subjetiva. A partir disso, a reflexão sobre o que se aceita ou não em uma relação foi articulada ao debate sobre relações amorosas na adolescência e ao possível início da vida sexual nessa faixa etária (Silva, 2002).

### 3.4. AUTOPROTEÇÃO E RESPONSABILIDADE: CONFIANÇA COMO METÁFORA PEDAGÓGICA

Na terceira aula, a temática central foi responsabilidade e autoproteção dentro dos relacionamentos. Iniciamos o encontro, já na sala de aula, com uma breve meditação guiada. Em seguida, desenvolvemos a “dinâmica da confiança”, que aconteceu da seguinte maneira: após a formação de um círculo, cada estudante escolheu, entre seus pertences, um objeto de grande valor afetivo e o colocou no centro. Depois, cada um pegou um objeto que não era o seu e circulou pela escola por alguns minutos, retornando em seguida à sala.

No momento posterior de partilha, utilizamos a metáfora de “entregar algo importante ao outro” para discutir limites, confiança e proteção nas relações. Nos relatos dos próprios estudantes, a vivência foi associada às ideias de responsabilidade e cuidado consigo e com o outro, favorecendo a elaboração de sentidos sobre autocuidado e respeito no campo da educação sexual. Esse recurso também ajudou a reduzir parte do constrangimento que costuma aparecer quando o tema é tratado apenas por meio de explicações diretas.

### 3.5. OS LIMITES DAS INTERCORRÊNCIAS INSTITUCIONAIS

A quarta aula planejada não pôde acontecer como previsto por causa de demandas da própria escola e questões ligadas à grade e à disciplina, o que exigiu adaptações. No lugar da atividade inicialmente pensada, acompanhamos outros docentes em uma ação escolar vinculada a um evento da escola, envolvendo ensaios artísticos e teatrais em todas as turmas. Esse momento evidenciou que intervenções em contexto escolar dependem fortemente das condições institucionais e podem ser atravessadas por imprevistos e mudanças do calendário, o que exige flexibilidade metodológica sem perda da intencionalidade pedagógica.

Embora a alteração tenha gerado certa frustração e exigido replanejamento, também permitiu observar potencialidades artísticas importantes dos estudantes e, ao mesmo tempo, tensões presentes no cotidiano escolar, incluindo um conflito entre alunos relacionado ao estresse provocado pela carga horária exigida pela escola.

### 3.6. ISTs, PREVENÇÃO E ARTICULAÇÃO COM A PSICOLOGIA

Na última aula, retomamos o que havia sido planejado para o quarto encontro e optamos por uma metodologia mais tradicional. O conteúdo abordou ISTs, métodos contraceptivos e prevenção da gravidez na adolescência. Iniciamos com a construção de um mapa mental no quadro a partir da sigla “ISTs” e, em seguida, realizamos uma dinâmica de quiz com fichas e post-its contendo informações para identificação das infecções estudadas.

Como aquele seria o último momento com a turma, um fechamento importante ocorreu quando perguntamos “como a Psicologia se relaciona com o que estava sendo trabalhado”. Os estudantes responderam associando tanto a dimensão clínica e da saúde quanto a presença do psicólogo em sala de aula, reconhecendo a atuação que estava sendo construída naquele processo.

### 3.7. A SÍNTESE DAS OBSERVAÇÕES

De modo geral, a experiência mostrou que a educação sexual foi favorecida por um encadeamento didático que articulou participação, diálogo e conteúdos para além da saúde biológica. A sequência de aulas contribuiu para compreender a educação sexual como um processo de formação integral, começando pela construção de significados e avançando para dimensões ético-relacionais. Ao partir do repertório inicial dos alunos e permitir que o grupo nomeasse conceitos, dúvidas e experiências, a intervenção favoreceu a percepção de que a sexualidade não é um tema neutro, mas um campo atravessado por cultura, valores e relações. Nesse sentido, começar pela linguagem e pelos significados compartilhados mostrou-se uma estratégia adequada para, a partir daí, avançar para uma elaboração mais crítica, em vez de partir apenas de conteúdos prontos (Louro, 2008; França, 2013).

Na mesma direção, o trabalho com consentimento, respeito e limites constituiu um eixo ético fundamental para pensar práticas afetivas e sexuais responsáveis. Se a educação sexual pretende promover autonomia, cuidado e prevenção da violência, ela precisa também desenvolver a capacidade de reconhecer os próprios limites e os do outro, negociar desejos e assumir responsabilidade nos encontros sociais. Essas dimensões se fortalecem quando a turma exercita escuta e diálogo (Zehr, 2008; Piedade e Silva, 2015) e quando a educação sexual é compreendida como um processo formativo mais amplo, com dimensões subjetivas e emancipatórias (Figueiró, 2010).

Além disso, ao trabalhar confiança e responsabilidade por meio das vivências, ficou evidente que a educação sexual também envolve autoproteção e corresponsabilidade nos vínculos. Não basta apenas conhecer os riscos; é preciso aprender a reconhecer situações, avaliar confiança, sustentar escolhas e buscar apoio. Esses aspectos se mostram coerentes com uma atuação da psicologia orientada pela escuta sem julgamento e pela abertura ao diálogo sobre temas sensíveis, como propõe Moura (2011).

Por fim, ainda que o planejamento inicial tenha precisado ser readequado, encerrar o processo com ISTs e métodos preventivos fez sentido do ponto de vista pedagógico, porque recolocou a prevenção dentro de uma compreensão mais ampla. A informação sobre saúde sexual é indispensável, mas tende a ser mais significativa quando articulada a valores e competências relacionais, como respeito, limites, decisão e cuidado. Também se fortalece quando a escola assume, de forma complementar à família, um papel educativo consistente nessa temática (Brasil, 1998; Egypto, 2003; Silva e Neto, 2006).

#### **4 CONCLUSÃO**

A experiência analisada mostrou que a educação sexual no ensino médio tende a produzir melhores resultados quando é trabalhada de forma participativa, dialógica e para além de uma abordagem exclusivamente biológica. Quando os estudantes encontram espaço para falar, perguntar e refletir a partir de suas próprias vivências, temas como respeito, consentimento, limites, cuidado, autoproteção, prevenção de ISTs e gravidez na adolescência passam a ser discutidos com mais envolvimento e sentido.

Os resultados também indicam que a atuação da Psicologia nesse contexto é relevante não apenas pelo conteúdo abordado, mas pela forma como favorece escuta, acolhimento e problematização, sem recorrer à moralização. Isso contribui para fortalecer a autonomia, o pensamento crítico e a convivência ética no espaço escolar.

Ao mesmo tempo, a experiência evidenciou limites importantes, especialmente os relacionados à organização do cotidiano escolar, como mudanças de calendário e dificuldades de continuidade das ações. Tais aspectos mostram a necessidade de maior articulação com gestão e coordenação, além de planejamento que permita sustentar esse tipo de proposta ao longo do tempo.

Por fim, entende-se que futuras experiências e pesquisas podem aprofundar os efeitos de intervenções dessa natureza, ampliando a discussão sobre educação sexual e sobre o lugar da Psicologia como componente formativo no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto nº 53.464, de 21 de janeiro de 1964**. Regulamenta a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão de psicólogo. Brasília, DF, 21 jan. 1964.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPARROTTI, N. B. Práticas em psicologia escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 147-148, jun. 2005. DOI: 10.1590/S1413-85572005000100014.

EGYPTO, A. C. (org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FRANÇA, D. N. O. Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 4, dez. 2013.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto; PROEX/UEPG, 2015. v. 2, p. 15-33.

PIEDADE, F. O.; SILVA, Q. da S. Revisitando os círculos restaurativos: da teoria à prática. In: Seminário Internacional de Demandas Sociais de Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, 12.; Mostra de Trabalhos Jurídicos Científicos, 7., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. [s. l.: s. n.], 2015. p. 1-18.

SILVA, R. C. P. da; NETO, J. M. Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cadernos Cedes**, [s. l.], v. 22, n. 57, p. 23-43, ago. 2002. DOI: 10.1590/S0101-32622002000200003.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena, 2008.